



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA, DA ESCOLA E À ESCOLA:
UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS**

DANIELLA FERNANDES LINHARES

ORIENTADORA: JULIANA EUGÊNIA CAIXETA

Brasília - DF

Dezembro 2013



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA, DA ESCOLA E À ESCOLA:
UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS**

DANIELLA FERNANDES LINHARES

ORIENTADORA: JULIANA EUGÊNIA CAIXETA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciada do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Professora Doutora Juliana Eugênia Caixeta.

Brasília - DF

Dezembro 2013

“O principal objetivo da Educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.” (Jean Piaget)

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho e curso só foi possível por ter ao meu lado familiares e amigos tão especiais. Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida e por ter dado forças para continuar em frente com suas bênçãos, por ter colocado em minha vida pessoas tão maravilhosas que me apoiaram em todos os momentos.

Agradeço a minha querida mãe, que sempre esteve comigo incentivando, protegendo, acalmando, dando o seu colo, palavras de conforto. Em todos os momentos de dificuldades e medo ao longo destes cinco anos de curso foi o meu pilar e sei que sempre será.

Agradeço ao meu pai que me apoiou e deu seu amor.

As minhas tias Vera e Eliene e meu tio Adilson que sempre estiveram presentes em minha vida dando apoio e incentivo.

Ao meu irmão por estar presente nos momentos de dificuldades.

Minhas avós por todo o carinho.

Ao meu amor Fernando que esteve ao meu lado durante este meu percurso com todo o seu amor e compreensão.

Agradeço aos meus amigos irmãos que durante estes 13 anos de amizade sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos.

Durante a graduação muitas amizades foram feitas e estar ao lado de vocês foi uma experiência incrível.

Agradeço imensamente a professora Juliana Caixeta que mais do que uma orientadora é amiga, companheira. Sempre a terei em meu coração, abriu os meus olhos para as oportunidades que a vida pode oferecer e tornou-se um exemplo.

Aos professores pelos conhecimentos passados.

Enfim, a pessoa que me tornei o conhecimento que adquiri o amadurecimento, a conclusão deste trabalho e curso só foi possível por estarem ao meu lado. Pessoas que sempre contribuíram diretamente ou indiretamente.

Obrigada a todos!

GERADORES DE CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Daniella Fernandes Linhares

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo identificar a ocorrência de situações de violência na escola e a percepção das causas de violência escolar se houver na visão de alunos e professores. O interesse por esse estudo surgiu devido ao grande aumento da violência dentro do ambiente escolar. Participaram dessa pesquisa dez alunos e cinco professores das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental de uma escola pública do Paranoá – DF, cidade satélite de Brasília. Para conhecer a visão dos alunos e dos professores sobre a violência na escola e quais influências este fenômeno pode afetar no processo de ensino e aprendizagem, foi criado um roteiro de entrevista para alunos e professores.

Palavras-chave: violência, escola, conflitos.

1. INTRODUÇÃO

Na última década, a violência nas escolas tem sido motivo de grande preocupação para o poder público e toda a sociedade, principalmente, pela forma com que vem sendo apresentada: brigas entre alunos e até mesmo entre professores e alunos, agressões verbais, depredação ao patrimônio, ameaças e até assassinatos. Diariamente, a mídia noticia crimes e/ou infrações cometidos dentro do ambiente escolar por crianças e adolescentes. De acordo com Souza (2008), estes comportamentos agressivos estão ligados à intolerância e se caracterizam por agressões verbais, físicas, pichações, pequenos furtos e formação de gangues. Segundo Abramovay (2005), conceituar violência requer uma certa cautela, pois se trata de um fenômeno inegavelmente dinâmico e mutável, suas dimensões e significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. O momento histórico, a localidade, o contexto cultural e uma série de outros fatores atribuem à violência uma dependência desses fatores que a caracterizam com um dinamismo próprio dos fenômenos sociais.

Por isto, é fundamental que a violência seja pensada em sua complexidade. Abramovay (2009) destaca diferentes tipos de violência: física, psicológica e social, aquela própria das estruturas da sociedade: o desemprego, a miséria, a fome, a exclusão social, que são violências praticadas pela sociedade contra os indivíduos que as formam.

Dada à complexidade do tema, o objetivo deste trabalho foi identificar a ocorrência de situações de violência em uma escola pública do Distrito Federal e a percepção das causas da violência escolar, se houver, na visão de alunos e professores bem como a percepção deles sobre a ação da escola diante dos casos de violência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Violência na escola

A violência nas escolas se delinea como uma problemática que gera muita atenção. Cada vez mais é repercutida a ideia de que as escolas tornam-se territórios de conflitos e agressões. Apesar da discussão acerca do tema estar em foco atualmente, ela é bastante antiga. Charlot (2002) afirma que, do ponto de vista histórico, esta problemática não é recente, o que é recente são as formas com que a violência tem se manifestado na escola. O autor ainda afirma que a violência escolar pode ser caracterizada como:

- Violência na escola: ela se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada às atividades da instituição escolar, como quando sujeitos adentram a escola para acertar contas das disputas territoriais;
- Violência à escola: esta é ligada às atividades da instituição, por exemplo, quando alunos depredam patrimônio, agridem professores. Entregam-se à violência que atinge a instituição e aqueles que a representam;
- Violência da escola: é uma violência institucional, simbólica, a escola pode oprimir o aluno dependendo da maneira que o trata.

Em geral, a violência é gerada a partir de conflitos, que são “toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento” (CHRISPINO, 2007, p. 15), portanto, “o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes”. (CHRISPINO, 2007, p. 16). No entanto, quando os conflitos não são enfrentados com o diálogo e o respeito, podem gerar diferentes formas de violência, como as descritas por Charlot (2002).

Dentre os tipos de violência descritos por Charlot (2002), destacamos, neste momento, a violência da escola, porque ela trilha os caminhos contrários ao processo de desenvolvimento humano rumo à autonomia moral, haja vista que ela se fundamenta em ações punitivas, em conflitos que não são enfrentados com o diálogo. A opressão e a ameaça para manter o aluno nos eixos não contribuem para o processo de formação, ao contrário, elas podem tornar o ser oprimido cada vez mais agressivo ou o retira do convívio social. De acordo com Freire (1987), a violência dos opressores instaura nos oprimidos o sentimento de inferioridade. “A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos” (p.16).

É sabido que a violência está presente nas ações dentro das escolas e que se manifesta de diversas formas no processo educativo. Embora isso não devesse acontecer, pois a escola é lugar de formação cidadã, portanto, da promoção ética e moral.

Assim como a sociedade, o papel da escola vem mudando drasticamente nos últimos anos, ultrapassando a sua função acadêmica e passando a agregar a socialização, formação do caráter, comportamento e cidadania. Para isso, é importante que todos os seus atores estejam preparados para lidar com a multiplicidade de questões que envolvem a criança e o adolescente numa sociedade que os torna tão vulneráveis (LIBERAL; AIRES RT; AIRES MT; OSÓRIO, 2005, p. S157).

Alarcão (2001) descreve a escola como espaço e tempo de desenvolver e aplicar capacidades como a memorização, observação, raciocínio, expressão e comunicação. Entretanto, a escola também agrega funções relacionadas à socialização da pessoa. Para que isso aconteça, é importante que todos os envolvidos neste processo estejam preparados para lidar com a multiplicidade de questões que envolvem os adolescentes (LIBERAL; AIRES RT; AIRES MT; OSÓRIO, 2005).

Em nossa sociedade existem duas instituições formalmente responsáveis pela educação do ser humano: a família e a escola. Possuem caráter diferenciado, portanto, funções e objetivos diversos. Entre outros, na família, ocorre a aprendizagem da vivência no espaço privado, íntimo. Na escola aprende-se a viver no espaço público, no sentido de coletivo. Na instituição escolar, experiencia-se a igualdade (VINHA, 2003, p. 60).

Segundo Vinha (2003), para os educadores que possuem uma concepção tradicional sobre a educação, os conflitos sempre serão vistos como negativos, exigindo, portanto, rápida resolução e serão evitados ou serão resolvidos de forma rápida. Para tanto, são utilizados mecanismos para o controle rápido da situação: castigos, suspensões, por exemplo, não evidenciando a função do professor na mediação da resolução destes conflitos. A escola é um espaço especialmente organizado para que jovens sejam educados e possui em seu quadro profissionais de educação, que estudaram e estudam para estar capacitados a compartilhar seus saberes e construir, junto com os alunos, o conhecimento. Quando os problemas e dificuldades que surgem no espaço escolar não são enfrentados ou são resolvidos pela transferência da resolução para a família, ou ainda, são resolvidos com castigos e punições de diversas ordens, os profissionais da escola expõem seu despreparo e incompetência para lidar com os conflitos. Mais do que transmitir conteúdos, o papel da escola, entre outros, é o de educar, inclusive sobre as interações humanas. Nesse contexto, os conflitos, inerentes às relações humanas, inclusive, na escola e na sala de aula são oportunidades valiosas para mediar conhecimento sobre como conviver em coletividade.

Vinha (2003) também relata que, diferentemente da concepção tradicional, o professor que possui uma visão construtivista compreende os conflitos como parte de qualquer relação e necessários para o desenvolvimento do aluno e demais pessoas inseridas naquele ambiente, como o próprio professor e demais alunos. É uma oportunidade que o professor tem de oportunizar ao aluno o enfrentamento dos conflitos da melhor maneira possível, buscando solucioná-los por meio de estratégias positivas, moralmente mais elaboradas e não a partir da violência.

Nas escolas, situações de violência, geradas pela intolerância e preconceito, estão acontecendo com frequência:

Assim se fazem presentes os preconceitos e intolerância frente ao outro, ao diferente. Os jovens constroem estereótipos uns sobre os outros, discriminam-se entre si e julgam-se de forma preconceituosa. Nas escolas, adolescentes e jovens interagem com outros que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, por exemplo, da cor, da sexualidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente dá-se por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência (SALLES, 2010, p. 55)

Segundo Souza (2008), as agressividades reproduzidas por alunos podem estar relacionadas ao que presenciam ou vivem dentro do convívio familiar ou social. “O indivíduo, quando ocupa os espaços na sociedade, chega com informações e comportamentos adquiridos, os quais foram internalizados, de acordo com suas vivências. É a partir desse quadro que se deve analisar o fenômeno, sobretudo, no espaço escolar” (SOUZA, 2008, p.127). No entanto,

o aluno não necessariamente pode reproduzir as ações de violências vividas e a escola pode servir como ponto de encontro social, promovendo alternativas de convívio social, oportunizando aos adolescentes e suas famílias uma reflexão de suas ações em respeito ao outro (CAMBUÍ, 2012).

Considerando as possíveis causas da violência escolar, Ruotti, Alves e Cubas (2006) e Rosa (2010) desenvolveram uma lista que envolve desde causas pessoais até causas sociais, a saber:

1. Problemas familiares – famílias desestruturadas, falta de afeto. Souza (2008) afirma que a falta de afeto, cuidado e respeito mútuo fazem dos adolescentes, jovens que não sabem como se comportar na sociedade, onde as regras que prevalecem para eles parecem ser o desrespeito, a agressão para com os espaços e com os outros. Sendo assim, é importante que a comunidade escolar tenha acesso a profissionais como psicólogos e assistentes sociais, pois estes profissionais, juntos com a equipe de professores, podem atuar numa perspectiva multidisciplinar de construção da cultura da paz. Nas palavras de Souza (2008):

O que se deve considerar com relação à busca de solução dos atos de violência que hoje se fazem presentes nas escolas, é que o aluno violento não deve ser tratado com um problema ou o problema. Antes de tudo, é preciso conhecer as experiências vividas por esse aluno e procurar detectar as causas da violência em suas atitudes (p. 131).

2. Proteção excessiva dos pais – a superproteção dos pais pode tornar o adolescente em uma pessoa impaciente principalmente quando o que deseja não ocorre de acordo como o planejado, desinteressado por ter tudo o que quer sempre nas mãos, não saber dividir ou viver em coletividade, podem apresentar medo e revoltar-se contra a superproteção dos pais.

4. Influências negativas – o convívio com amigos, familiares, jogos violentos ou até mesmo a mídia podem influenciar de maneira negativa, induzindo o adolescente ao comportamento violento. De acordo com Chesnais a mídia transforma criminosos em heróis:

Ora, a televisão faz, a cada dia, a apologia do dinheiro e da violência: os assassinos são apresentados como heróis dos tempos modernos. Há um monopólio dos produtores e uma ausência de controle dos consumidores, submetidos a uma enxurrada de imagens sangrentas. O império da mídia banaliza a violência. (CHESNAIS, 1999, p. 59, *apud* ABRAMOVAY, 2009, p. 19)

5. Comportamento dos alunos – indisciplina, xingamentos, desrespeito, empurrões, depredação. De acordo com Ruotti, Alves e Cubas (2006) ainda podem ser comportamentos que desafiam as regras específicas da escola, como o não uso de uniforme, sair da sala sem autorização; comportamentos que prejudicam ou interferem no desenvolvimento das aulas, como a bagunça e jogos; e comportamentos relativos à aprendizagem, a não realização de tarefas, não estar de posse do material para a aula, demonstrar o desinteresse.

7. Contexto escolar – a salas lotadas, falta de livros e despreparo dos professores para lidar com os alunos.

8. Contexto do bairro – bares aos arredores, tráfico de drogas são fatores de risco para os alunos, favorecem consumo de drogas e associação ao crime. “O indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes sofre ou presencia atos de violência, pois geralmente está cercado por instrumentos e situações que remetem à violência.” (SOUZA, 2008, p. 126). Ruotti, Alves e Cubas (2006) relata:

O alto número de bares nas mediações das escolas revela a ineficiência das autoridades públicas que deveriam coibir o funcionamento desses locais próximos às escolas. Situação que favorece o acesso dos alunos às bebidas alcoólicas, o que pode ser um fator a mais no agravamento das situações de violência (p. 82).

Dentre as causas de violência, encontramos o bullying. Silva (2010) relata o bullying como forma muito comum de violência. O termo bullying é utilizado para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar: agressões, assédio, desrespeito realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores.

Se recorrermos ao dicionário, encontraremos as seguintes traduções para a palavra bully: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender (SILVA, 2010, p.21).

No dia-a-dia e, principalmente, no ambiente escolar, as relações deveriam ser construídas por atitudes que levassem à amizade, harmonia e respeito ao próximo. As ações violentas tomadas por adolescentes, que fogem da tolerância comum da sociedade, devem ser estudadas, investigadas e analisadas com o intuito de compreender esse processo para que a escola possa intervir de maneira significativa, as causas dessas ações surgem das mais variantes fontes. Portanto, o importante é verificar como o ambiente escolar influencia no modo como os alunos lidam com seus conflitos interpessoais e como interpretam e resolvem estes conflitos. Da mesma forma, é importante compreender a percepção das causas da violência escolar e a percepção de como a escola age perante situações de violência na escola, da escola e à escola (CHARLOT, 2002).

3. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado a partir da concepção da metodologia da pesquisa qualitativa, porque se interessa em compreender a violência escolar: suas causas e ações da escola a partir dos significados construídos pelos profissionais e alunos que estão na escola. Nesta metodologia, os entrevistados são estimulados a pensar livremente sobre o que lhes é perguntado. E, a partir dessas falas, será possível identificar conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões ou não de respostas encontrados nos dados (SANTOS; CANDELORO, 2006).

3.1. Amostra

Participaram desta pesquisa dez alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental com idade entre 11 e 29 anos, sendo que cinco eram do sexo feminino e cinco do sexo masculino.

Uma das alunas entrevistadas faz parte da sala de recursos da escola. Cinco professores de diferentes áreas de formação foram entrevistados que atuam dentro e fora da sala de aula com idade entre 26 e 42 anos e tempo de atuação em educação entre 01 e 13 anos.

A escola, alunos e professores serão identificados por nomes fictícios.

3.2. Instrumento

Como instrumento para a realização da pesquisa, foi feito um roteiro de entrevista com perguntas abertas aplicadas a professores e alunos (ver anexos 01 e 02).

3.3. TCLE

Para a participação dos colaboradores na pesquisa e construção de dados, a pesquisadora solicitou autorização da direção, dos professores e dos responsáveis dos alunos, a partir de um TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que continha informações quanto ao objetivo, metodologia e análise de dados (ver anexos 03 e 04).

3.4. Procedimentos de construção de dados

A escola escolhida para esta pesquisa é uma escola pública do Paranoá. A escolha da escola deveu-se ao vínculo da pesquisadora com esta escola. A partir de agora, a escola será nomeada Escola Alfa.

Inicialmente, a direção foi procurada para que a pesquisadora apresentasse o trabalho de pesquisa e solicitasse autorização. Com a autorização da direção, foram feitas observações durante os intervalos e em horários de aula. Nos horários em que os alunos encontravam-se dentro de sala, foram observados por câmeras, totalizando 70 horas de observação.

Quanto à escolha dos alunos entrevistados, nove foram feitas pela equipe gestora da escola que pediu que alguns fossem escolhidos por ela, por achar que pudessem contribuir mais com a proposta da pesquisa. Todos os professores e sete alunos foram escolhidos pela pesquisadora. As entrevistas ocorreram após as observações e esta influenciou na escolha apenas dos alunos escolhidos pela pesquisadora. Muitos destes alunos escolhidos faziam aulas de reforço com a pesquisadora e em alguns momentos já haviam relatado casos de violência com membros da escola, por possuir um diálogo mais aberto e estabelecido uma relação de confiança com estes alunos, alguns foram escolhidos para participar da entrevista.

No momento da entrega do TCLE, foi explicado aos alunos e professores, individualmente, a proposta da pesquisa e solicitada a autorização para entrevista. No caso dos alunos menores de idade, a pesquisadora explicou que a autorização deveria ser dos pais ou responsáveis por cada um/a. O TCLE foi entregue a 16 alunos e obtivemos retorno de dez com a devida autorização dos responsáveis.

As entrevistas foram feitas no período de três dias, seguintes à entrega do TCLE, cada entrevista teve como duração média de sete a dez minutos, com gravação de voz e realizada em uma sala privada.

3.5. Procedimentos de análise

Para análise dos dados, todas as gravações foram transcritas. Foram realizadas leituras intensas do material transcrito e, também, dos registros de observação. Após a leitura, os dados foram organizados em temáticas, considerando a proposta de Charlot (2002): violência

na escola, da escola e à escola e, também, os objetivos da pesquisa: percepção sobre existência e causas de violência na/da/à escola e sobre as ações da escola no combate a elas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Violência na Escola Alfa

Sabemos que dentre as preocupações atuais, a questão da violência vem sendo discutida de forma mais ampla pelos diversos grupos sociais. Em todo o mundo, a violência nas escolas tornou-se tema do cotidiano; objeto de reflexão importante das autoridades e foco de notícias da imprensa (ABRAMOVAY, 2002).

A violência pode ser compreendida como violações dos direitos civis; políticos; econômicos e culturais (CECCON, 2009). Estão presentes no cotidiano das escolas de diferentes formas: agressões e ameaças que podem ser verbais, físicas e/ou psicológica (ROSA, 2010).

Os alunos entrevistados definiram violência como bullying, brigas e agressões do tipo verbal e física.

“Violência na escola é bullying... é brigas, bullying.... bullying já diz tudo né? Eu acho que bullying é colocar apelido nos outros, (...) ser indiferente com outros, não andar com outro e querer partir para cima sem nenhuma opinião. Eu briguei uma vez, eles me agrediu foi dois, aí eu agredi os dois também.” (Eduardo)

“Violência não só como física, mas também como verbal, na frente da escola um grupo de meninas batendo em uma só pessoa. Teve uma vez que teve até tiro na frente da escola, outras são verbais, outra acaba machucando, a pessoa fala alguma coisa, acaba empurrando a pessoa e acaba que acontece um acidente grave.” (Sabrina)

“Aí... deixa eu pensar... assim, quando os alunos fazem travessuras que outros não gostam, pondo apelidos, eu sinto uma violência, mas lá tipo no emocional” (Letícia)

Durante as observações, foram percebidas diversas formas de manifestação de violência entre os alunos, principalmente em horários onde eles estão livres, sem a supervisão de um professor, como em horários vagos e intervalos. É comum todos os dias chegar à direção casos de alunos que se queixam de outros por motivos que envolvem xingamentos, agressões físicas ou brincadeiras nas quais se sentem humilhados. Furtos que acontecem dentro de salas de aulas e banheiros; alunos quebrando patrimônio e transformando-os em brinquedos foram vistos, apesar de menos frequentes. No dia 23 de outubro de 2013, por exemplo, foi possível observar um aluno dentro de sala, sem professor, mas diante de todos os colegas quebrando uma carteira e usando o apoio das costas como prancha de surf.

As observações evidenciaram situações de violência na escola, da escola e à escola, (CHARLOT, 2002). Foi possível verificar:

- Violência na escola: acerto de contas por terceiros dentro da escola;

“Nóis tava brigando, nós dois... tipo ele esbarrou em mim, aí eu fiquei falando coisa dele, aí ele falou que ia me pegar na saída, aí meu tio teve que vim, aí ele falou que ia matar eu e meu tio. Aí meu tio foi lá em casa e pegou a arma dele e veio aqui, aí ficou de boa.” (Thiago)

“Já bati já. Em um menino porque eles ficam me atentando, tipo... me apelidando, falando da cor do meu cabelo, da minha cor.” (Anna)

“Vi, todos eu vi, teve um caso entre duas meninas que elas brigaram aqui na porta do colégio, duas alunas daqui que inclusive a briga foi tão grande que uma chegou a rasgar a camisa do colégio da outra inteirinha, a outra ficou só de sutiã no meio da rua. E essa briga, teve várias partes, teve um dia, aí separamos. Aí foi no outro dia, elas continuaram a briga, tipo.. uma esperou a outra na porta do colégio aí quando a outra saiu começaram a brigar de novo. E esse foi pra mim o pior caso que teve aqui no colégio até agora.” (Fernando)

- Violência da escola: negligência, agressão, omissão.

“No início do ano, é... os alunos não gostavam de uma professora né, aí teve um dia que a professora foi brigar com o aluno, aí empurrou o aluno, ele caiu em cima da cadeira, tipo... bateu a cabeça e se machucou. E eu não achei isso certo, achei uma forma de violência isso, mas ela melhorou depois disso, ela tá melhor. Mas, ela continua muito assim” (Letícia)

No caso relatado pela Letícia, houve agressão física por parte da professora e omissão da instituição em relação à punição a mesma, o aluno continuou tendo aulas com professora que o agrediu. Segundo Vinha (2003), os conflitos devem ser mediados pelos professores que são os líderes da turma e têm capacitação para analisar, junto com os alunos, os conflitos e buscar soluções conjuntas. No caso do relato de Letícia, a professora não atuou como mediadora do conflito, ao contrário, como agressora. Esse resultado indica a necessidade de capacitação profissional no que tange à formação de professores para a mediação de conflitos.

- Violência à escola: agressões físicas e verbais a professores e alunos, depredação do patrimônio.

“Eu xingo, faço agressão, bato, quebrei o dedo da professora de outra escola.” (Thiago)

“Já fui exprimido no portão... na saída, já fui empurrado no portão, já fiquei com o braço roxo, verbalmente aí é muito mais constante, até ameaça de morte já, (...) porque para eles é tão comum falar que vai matar o outro, eles falam... falam que vão dar tiro.” (Professor Rodrigo).

4.2. Percepção das causas de violência

Todos os alunos foram capazes de relatar casos de violência na escola. Entre as violências citadas, estão: brigas, xingamentos e bullying. Dos 10 alunos, 03, inicialmente, afirmaram não haver violência, mas, depois, no ato de reflexão durante a entrevista, notaram que já sofreram, cometeram ou viram violência, como podemos ver no relato de Mayara:

“Não, essa escola não é violenta não. Porque a gente tem professores bons e diretor é bom, e não deixa ter violência. Mas, ano passado teve muita violência, eu presenciei muita violência, física, mental.” (Mayara)

E ela continua:

“Tem... bullying, sempre teve né? (..) já aconteceu comigo: o menino tava jogando comida fora e eu fui tentar apartar, aí ele me empurrou... esse ano... Ele me empurrou! Aí... eu caí, e fracturei a bacia. E já vi, mas eu não tive coragem de me intrometer. No final da escola, na saída, junta as meninas para bater na outra porque uma era mais bonita que a outra, a outra tem namorado e a outra não, inveja.” (Mayara).

4.2.1. Percepção dos alunos

São observados casos que se enquadram como violência o desrespeito ao outro, a transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem (SALLES; SILVA, 2008). Os casos relatados por alunos convertem-se em um problema escolar de grande relevância, pois são de cunho racista, ameaça à vida e de humilhação e afetam as estruturas sociais pelas quais deve ser realizada atividade educativa (FERNANDÉZ, 2005). Os conflitos fazem parte do processo de desenvolvimento do ser humano e devem ser enfrentados a partir do diálogo fraterno entre os envolvidos (VINHA, 2003). A falta de diálogo pode fazer com que ressentimentos cresçam e se acumulem, trazendo à tona atos de violência.

Aprender a lidar com os conflitos como seres humanos autônomos, capazes de dialogar e encontrar estratégias que satisfaçam suas necessidades sem negligenciar as dos outros é uma parte importante do crescimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Para tanto, os adultos da escola também precisam aprender a passar pelo mesmo processo (CECCON, 2009 p.34).

Os relatos de alunos potencializam a ideia de que eles não sabem lidar com as suas diferenças, não aceitam o diferente. Em uma das observações, duas garotas que antes eram amigas, hoje são inimigas, devido a uma discordância da cor de um batom.

Uma aluna nos diz:

“A falta de diálogo e ignorância das pessoas que não sabem resolver seus problemas na conversa, mas sim partindo para violência, porque acha que a violência vai resolver alguma coisa. E não resolve.” (Sabrina)

Para os alunos, as causas da violência na Escola Alfa se relacionam a disputas de status nas relações sociais, bullying e nível socioeconômico.

“Vários motivos né? Geralmente é uma pessoa que quer se achar o fortão. Aí a pessoa olha pra ela, aí é motivo de briga, outras vezes a pessoa dá de mole, vai falar mal da outra pessoa na rua ou na escola, várias coisas.” (Fernando)

“Inveja, dinheiro pode ser também, ou então, porque o outro tem mais atenção do que outros, ou outro quer tirar atenção do outro e também deixa eu ver... o que mais. É... inveja mesmo, inveja porque aquela pessoa por ser malandrinho, quer ser malandrinho e o outro não é, entendeu? Aí vive com os outros lá numa boa, pega as meninas tudo certinho e o outro não pega. Aí tem inveja porque ele não é malandro também, por isso que causa briga.” (Eduardo)

“Inveja, ciúmes, essas coisas.” (Mayara)

“Ah... várias coisas, por exemplo: é você se achar melhor que o outro, achar que você é maior que a pessoa. Sei lá, é... por exemplo: aqui tem pessoas que tem um dinheiro a mais e tem gente que tem dinheiro a menos, isso também pode gerar alguma briga, porque você pode se achar demais, porque você tem mais que a outra pessoa, principalmente as meninas, as meninas qualquer coisa – namorado.” (Lilian)

“Às vezes as pessoas, elas estão se sentindo mal de alguma forma e ela não tem como se expressar, e elas se expressam dessa forma, gerando violência, eu acho.” (Letícia)

Estes motivos se devem também a uma sociedade consumista em que vivemos. O dinheiro é forma de satisfação, compram-se roupas de marcas, objetos caros e, com isso, se ganha status e respeito. “A sociedade capitalista é, por sua própria essência, oposta ao desenvolvimento moral das pessoas” (DUARTE, 2010, p.76).

Com um mercado cada vez mais diversificado e crescente, a sociedade de consumo fica deslumbrada, diante das inúmeras possibilidades de aquisição de bens materiais recheados de novidades e que, de certa forma, contribui para suprir os desejos de um prazer momentâneo. Essa sociedade abre mão de outras formas de satisfação pessoal. (SANTOS; SÁ, 2009, p. 96).

Outros motivos se referem a problemas de drogadição e formação de gangues, que também têm a ver com o processo de exclusão escolar:

“Drogas é o que mais ocorre por aqui, muitos casos né? Aqui na porta do colégio, eu moro aqui na sete. O traficantes da sete ficam aqui na porta, assim...Vários alunos compram antes de vir pro colégio, e isso que gera né a violência. O cara fuma maconha e fica doidão e quer discutir, o cara cheira um pó e tal... E aqui na porta de manhã você pode ver até na saída, de tarde é o que mais tem o tanto de traficante que fica ai fora, uns carinhas mal encarados, querendo mexer com o pessoal.” (Fernando)

Durante as observações, percebemos que as meninas são mais constantes na direção do que os meninos, mas isso se deve ao fato de que os meninos geralmente formam gangues ou provocam brigas no horário de saída da escola, fora das dependências escolar (RUOTTI; ALVES; CUBAS, 2006), e quando passam dos muros a briga se torna um pouco irrelevante para a escola ou passa a ser um caso de polícia.

“A diferença de meninos é que formam os grupos, gangues. E essas gangues querem destruir outras gangues, hoje em dia tem mais brigas de meninas porque essas meninas elas não formam tantos grupos grandes, elas brigam com as meninas do lado, por besteirinhas, porque a outra fala do namorado dela, as brigas ocorrem mais por padrões diferentes, muitas vezes os meninos daqui formam uma ganguezinha e vão querer matar ou brigar com de outro colégio, e as meninas brigam mais entre elas.” (Professor Rodrigo)

Alunos também concordam que as meninas são as que mais brigam nas dependências da escola:

“Pelos casos que ocorreram aqui até agora das brigas 80% foi das meninas, poucos casos foi os meninos, não to defendendo os meninos. Mas, 70%, 80% foi as meninas, eu acho. Sei lá... disputa de território, algo do tipo, querendo se amostrar uma mais que a outra”. (Fernando)

4.2.2. Percepção dos professores

A violência nem sempre está associada à agressão física, embora a palavra envolva esta noção (ABRAMOVAY, 2002). O uso e tráfico de drogas, incivildades, a falta de respeito são aspectos geradores de violência. Os professores da Escola Alfa atribuem como causa, principalmente, conflitos interpessoais, além das causas sociais relacionadas à formação de gangues e de tráfico de drogas:

“A falta de respeito de que um aluno tem com o professor, eles não tem aquela consideração que a gente tinha quando a gente era aluno, a falta de consideração.” (Professora Aline)

“Eu acredito que a própria violência gera violência, essa é uma frase que ela parece feita e simples, mas ela é muito complexa, muito, cheia de vertentes. É... eu acredito que a postura que você tem diante de um fato, isso, diante de qualquer ambiente não só do escolar, gera violência ou dissipa ela. Então, não há outro tipo de concepção de violência se não aquela gerada pela própria violência, ou na forma de agir ou na forma de reagir aos fatos.” (Professor Michel)

“Inúmeros, inúmeros, e muitos que não estão no controle da escola, a bandidagem que eles vivem, as drogas, a falta de educação, a noção distorcida do que é a justiça, eles não sabem o que é justiça eles acham que eles tem que ter o privilégio, que justiça não é igualdade, eles acham que eles tem que ter tudo, ter tudo de graça e não tem que oferecer nada para sociedade que eles podem ter o que eles quiserem” (Professor Rodrigo)

4.2.3. Percepção dos professores e alunos: encontros e divergências

Os relatos dos alunos evidenciaram que eles acham a escola um ambiente violento, equivalente à opinião dos professores.

“Existe violência né? Mas, não é constante, mas existe. Existe uma cultura de violência deles, já vem assim com a postura, com o comportamento muito violento, então qualquer coisinha já é motivo para estourar comportamentos bem agressivos, já faz parte do meio que eles vivem, e eles trazem isso para dentro da escola.” (Professor Rodrigo)

No entanto, percebemos que enquanto os professores identificam os conflitos em sala de aula como preponderantes para as causas da violência, os alunos identificam as diferenças sociais e de posicionamento na escola como causas da violência. Em resumo, os professores atribuem a violência mais a questões ligadas ao respeito, drogas e ao ambiente em que o aluno está inserido, já os alunos atribuem à falta de diálogo, dinheiro, namoro e status, todos aspectos geradores de violência (RUOTTI; ALVES; CUBAS, 2006; ROSA, 2010).

4.3. Percepção das ações da escola

O problema de violência na escola é uma questão de grande complexidade o que implica a adoção de diferentes estratégias de ação, voltadas para a realidade da escola. Um trabalho em conjunto com toda a comunidade deve ser feito, pois há mais violência fora da escola e aos seus arredores do que dentro e ela exerce influência no desempenho e desenvolvimento dos alunos (RUOTTI; ALVES; CUBAS, 2006). O aluno Thiago, citado acima, é um exemplo de um jovem que vivencia a violência em casa e nas ruas e traz isso para dentro da escola, com brigas.

Durante as observações, em todos os casos em que alunos estavam junto à direção devido à violência cometida ou sofridas por eles, as medidas tomadas como resolução do problema foram:

1. Broncas;
2. Conversa: individualmente e posteriormente com todos os envolvidos ou apenas com todos;
3. Advertência;
4. Suspensão: até o comparecimento dos pais;
5. Transferência.

As ações tomadas pela escola não refletem uma compreensão construtivista dos conflitos (VINHA, 2003; CHRISPINO, 2007) e nem refletem um esforço de construir diálogo com os alunos e professores no sentido da promoção do desenvolvimento moral das pessoas que participam da escola. Todas as ações, excetuando a segunda, indicam a opção da escola pela resolução do conflito sem o envolvimento reflexivo que as situações escolares de violência exigem.

A presença das câmaras instaladas na escola: no pátio, quadra e salas de aula não é utilizada como um recurso de promoção do diálogo e da compreensão dos conflitos. Por isso, Melgaço (2012) explica que o uso de câmeras em escolas pode servir para confrontar a confissão dos alunos em casos de furtos, quebra do patrimônio e agressões, porém mais do que questão de segurança, as câmeras funcionam como uma ferramenta pedagógica questionável – elas incentivam a substituição de confiança por suspeição, novamente, reforçando a resposta violenta da escola às situações de violência. O fato é que apenas o uso de câmeras para coibir a violência escolar será uma tentativa em vão, é preciso a participação da família e de toda a comunidade escolar.

4.3.1 Percepção dos alunos

Para os alunos, a escola não consegue fazer essa medição de uma maneira eficaz, ela tenta, mas a mediação ainda não ocorre da melhor maneira e, por vezes, a escola nega os conflitos e se posiciona como omissa:

“Vou falar a verdade para vocês, geralmente nunca resolve o problema porque eles vêm aqui, conversar, dá uma suspensão e tal, mas aí quando é no outro dia. Tá lá de novo, o pessoal brigando, e eles não fazem nada, espera a briga acabar pra eles poder sair. Eles não tomam nenhuma atitude, eles deviam tomar uma atitude mais severa, mais dura né? Tipo transferência, essas coisas assim, por causa que eles só dão suspensão, suspensão para uns alunos aqui não é nada né? Para quem já tem a carreira. Eu acho que eles deviam botar transferência né? Para os alunos se transferirem de colégio, encaminhar eles para o SOE, e as vezes quando acontecem muitos casos até para o conselho tutelar.” (Fernando)

Outra aluna relata um caso em que ela tentou alertar a escola.

“As meninas e os meninos não tem respeito pelos outros, eles não sabem conviver com os colegas deles. Ameaça, quer tipo mostrar para eles, ser tipo popular, ser mais bonito, chamar atenção das meninas, as meninas chamar atenção dos meninos. As meninas brigam mais, os meninos, é mais a questão da droga, porque tipo assim, eu já vi lá fora eles fumando, uma Tiazinha vende bem ali, vende cigarro, de manhã eu nunca vi eles fumando, de tarde é o que eu vejo mais, a minha amiga fuma, um monte de gente fuma, eu não fico perto deles não, ela vende por R\$0,50. Ai quando a policia chega lá, ela fala que não vende, mas ela vende, eu já falei lá na direção isso, eu e minha prima, mas eles falaram que era mentira, então a gente já fez a nossa parte que é falar para eles, mas eles não acreditaram.” (Driele)

O primeiro passo para que haja uma mediação de conflitos no espaço escolar é o reconhecimento dele e a compreensão de que eles precisam ser superados. Portanto, há dois tipos de escola de acordo com Chrispino (2007): aquela que assume a existência do conflito e o transforma em oportunidade e aquela que nega a existência do conflito e lida com suas manifestações.

A mediação pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais. A mediação induz atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa individual que podem contribuir para uma nova ordem social (CHRISPINO, 2007, p. 23).

4.3.2. Percepção dos professores

Dos 05 professores entrevistados, 04 demonstraram tomar atitudes favorecidas ao desenvolvimento moral e à construção da cultura da paz e 01 pede o comparecimento da família para que tome alguma medida em casos de violência. Com os relatos dos professores podemos verificar que eles acreditam que as ações punitivas contra a violência não devem e não são tomadas como primeira instância. As falas dos professores entram em conflito os relatos dados pelos alunos no item anterior e pelas observações feitas, onde se pôde notar que 75% dos casos que chegaram à direção as medidas tomadas foi advertência ou suspensão.

Como medida para a resolução de situações em casos de violência os professores relatam:

“Chamar a família, a família tem que fazer a parte dela” (Professor Rodrigo)

“Eu já sou de um conceito que eu prefiro resolver por mim mesmo, do que levar para direção, porque você leva para direção da uma advertência e as vezes fica por isso mesmo, e você sentar e conversar com o aluno tem uma solução maior, do que entregar um papel para o aluno levar para casa e dar para os pais assinar porque consequentemente são eles mesmos que assinem.” (Professora Aline)

“O procedimento que temos que fazer, é com que o aluno pare imediatamente e que ele tente se retratar com o aluno que no caso foi agredido né? Então, (...) se o aluno recusa, o

procedimento normal é advertência e suspensão. Enfim, são os procedimentos adequados da escola.” (Professor Manoel)

Em meio aos conflitos a escola deve ser aquela que lida com os conflitos (CHRISPINO, 2007). O professor relata:

“Eu acho que a escola deve agir de maneira a compreender o caso, não apenas de maneira rígida, não apenas expulsando o aluno, acredito que, expulsar o aluno é apenas transferir o problema para outra escola. E acredito que compreender aquela situação, e tentar reverter o quanto antes, porque se os direitos humanos nos explicam alguma coisa é que todo cidadão independente de sua personalidade, ele tem chances na vida merece ter chances. E na minha participação eu tento demonstrar isso para eles, esse tipo de direitos humanos.” (Professor Gabriel).

4.3.3. Percepção dos professores e alunos: encontros e divergências

Quanto às ações feitas pela Escola Alfa, os alunos divergem dos professores quanto à resolução de conflitos, eles sentem necessidade de a escola promover atividades educativas como palestras e um maior policiamento. Já os professores argumentam que sem a família a questão da violência dificilmente será resolvida.

“Eu acho que nem todo mundo apoiaria, mas eu acho que a escola podia começar a ter mais palestras sobre esse tipo de assunto porque a escola é boa, e têm. Às vezes eles dão algumas coisas assim, eles já deram uma palestra sobre o bullying aqui uma vez, eu gostei muito, só que eu acho que podia ter mais conversa, passar de sala em sala saber se tá tudo bem, conversar com os alunos, saber se eles estão sofrendo esse tipo de coisa, os alunos procurarem os professores, os pais vir na escola, saber, entendeu?” (Lilian)

“Palestras, palestras em geral, falar o que é bullying, qual a diferença entre bullying e a violência. Palestras seria bem melhor eu acho, seria mais fácil porque os alunos em geral, eles tem que perceber que todos somos iguais, perante Deus, né? A gente não é diferente, porque tem roupas de grife ou um celular novo. Todo mundo é igual, para que essa violência toda?” (Mayara)

“Eu acho que devia ter mais policiamento né, porque esses policial ai eles não fazem nada, eles ficam ai na porta do colégio geralmente eles entram pra dentro do colégio e vão lanchar na cantina, eles não ficam lá fora zelando pelo patrimônio público e do pessoal, eles ficam só de zuera mesmo, só de fuleragem.” (Fernando)

A família é destacada nas falas e Rosa (2010) comenta que elas devem estar atentas aos comportamentos dos alunos dentro e fora do ambiente escolar, participar de reuniões, conhecer a vida escolar do aluno, para favorecer o processo de desenvolvimento integral do/a seu/sua filho/a. Quando a família se compromete com o seu papel, ela contribui com o bom desempenho daquele jovem bem como a escola deve fazer o seu papel e tentar aproximar a comunidade a escola (RUOTTI; ALVES; CUBAS, 2006).

“A família tem que fazer a parte dela, muitas vezes não fazem (...) digamos que dá trabalho para família vir ao colégio. Se não tiver a participação da família é muito difícil de ter êxito.” (Professor Rodrigo)

No entanto, a colaboração da família não deve ser no sentido de resolver os conflitos do espaço escolar. Muitas vezes, a escola atribui à família a resolução de conflitos que pertencem ao seu espaço de formação. Para Vinha (2003), esta transferência de ação da escola para a família demonstra a má formação dos professores no que diz respeito à mediação de conflitos na escola.

Outro dado que chamou atenção foi o fato de uma professora ter atribuído a violência na escola ao conhecimento dos direitos por parte dos alunos.

“Eu acho que é o tanto de direitos que os seres humanos têm né? Tem direito demais, e os deveres estão poucos, eu acho que da mesma forma que tem que ter direito tem que ter dever para cumprir, liberdade de mais, tudo muito aberto, e cada dia que passa eles sabem mais desses direitos que eles têm e abre as asas.” (Professora Aline)

Não são os direitos do aluno que os põem diante da violência, ao contrário, é papel da escola possibilitar a construção de conhecimento aos alunos de forma que eles sejam capazes de refletir sobre a realidade, considerando os vários aspectos dela, exercendo seus direitos e também seus deveres de forma cidadã. A violência pode ser gerada por aquele que sofre com ela (SOUZA, 2008).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a violência nas escolas tem se manifestado por meio de agressões físicas, verbais e/ou psicológicas que podem partir de professores ou alunos. A pesquisa evidenciou que os conflitos mal resolvidos no ambiente escolar ou aos seus arredores são causas de violência. Estes conflitos, geralmente, podem ser resolvidos com um diálogo entre os envolvidos, desde que haja uma mediação que oportunize o desenvolvimento moral. Nesse sentido, a pesquisa permite a associação entre a falta de professores capacitados para a mediação de conflitos e a possibilidade de diversos tipos de violência na escola, especialmente, aquela que Charlot (2002) chamou de violência da/na escola.

Fatores sociais ligados ao capitalismo e às vivências da exclusão social de diversas formas também apareceram na pesquisa como possíveis causas promotoras da violência. Drogas e gangues foram abordados como graves problemas sociais que comprometem a cultura da paz na escola. Nesse contexto, faz-se necessário a presença da família na escola, a participação da comunidade como um todo em movimentos de engajamento pela paz nas escolas e nos bairros.

Por ser um fenômeno complexo, a violência exige ações de diferentes naturezas em diferentes instâncias, por isso, o esforço coletivo entre gestão, professores e alunos é essencial para a construção da cultura da paz, associando a esta comunidade escolar a comunidade em geral, com ações de promoção cidadã. Todas as causas percebidas pelos alunos e professores que geram violência podem ser solucionadas, evitadas ou, ao menos, diminuídas se houver o esforço coletivo entre o Estado, a comunidade, a família e a escola. A escola possui o poder de transformar uma sociedade por meio da educação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam.(coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

_____. **Revelando Tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2009.

_____. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola Reflexiva e nova racionalidade**. São Paulo: Artmed Editora, 2001. 82 p.

BISINOTO, Cynthia. Educação, escola e desenvolvimento humano: articulações e implicações para o ensino de ciências. In: GUIMARÃES, E. M; CAIXETA, J. E. (Org.). **Trilhas e Encontros: mediações e Reflexões sobre o ensino de ciências**. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 11-31.

CAMBUÍ, Cláudia de Andrade. **A relação entre a escola e a família diante das práticas de violência no cotidiano escolar**. 2012. 33 f., il. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Goiás, Brasília, 2012.

CECCON, Claudia. **Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar**. São Paulo: CECIP : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Revista Sociologias, ano 4, n. 8, p 432- 443, jul./dez. 2002 .Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2013.

CHRISPINO, A. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf> >. Acesso em: 24 nov. 2013.

DUARTE, N. **Limites e contradições da cidadania na sociedade capitalista**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 75-87, jan./abr., 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n1/v21n1a06.pdf> >. Acesso em: 26 nov. 2013.

FERNANDÉZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo: Madras, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIBERAL, E. F; AIRES, R.T; AIRES, M.T., OSÓRIO, A. C. **Escola segura**. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, vol. 81, n. 5, p. S155-S163, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa05.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

MELGAÇO, Lucas. **Estudantes sob controle: a racionalização do espaço escolar através do uso de câmeras de vigilância**. *O Social em Questão*, ano XV, n. 27, p. 192-212, 2012. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Se%C3%A7%C3%A3o_Livre_Melga%C3%A7o1.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2013.

ROSA, Maria José Araújo. **Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem**. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, ano 4, vol. 8, jul. 2010. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/>. Acesso em: 28 fev. 2013.

RUOTTI, A.; ALVES, R.; CUBAS, O. de.; **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SALLES, Leila Maria Ferreira. **Jovens, escola e violência: alguns apontamentos sobre o processo de inclusão e exclusão simbólica**. In: SILVA, J. M. A. de P.; SALLES, L. M. F (Org.). **Jovens Violência e escola: um desafio contemporâneo**. Fortaleza: Cultura Acadêmia, p. 45-70, 2010.

SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M. A. de P. **Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões**. *Caderno de Educação*, Pelotas, p. 149-166, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1768/1643>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

SANTOS, V. dos.; CANDELORO, R. J. **Trabalho acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e novas técnicas**. Porto Alegre: AGE, 2006.

SANTOS, W.; SÁ A. J. de. **Avalanche do consumismo na modernidade. Uma sociedade sem limites no mundo globalizado**. *Revista de Geografia*. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v.

26, n. 3, p. 94-109, set/dez. 2009. Disponível em: <
<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewArticle/207>>.
Acesso em: 24 nov. 2013.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, Mirian Rodrigues de. **Violências nas escolas: Causas e Consequências**. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação, Aparecida de Goiânia, ano 2, n. 2, 2008. Disponível em: <
<http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013

VINHA, Telma Pillegi. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. 2003. 430f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.



ANEXO 01

Universidade de Brasília – FUP

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ALUNOS

Sexo: Masculino () Feminino ()

Idade: _____ Série: _____

- 1) Você considera a escola que estuda violenta? Por quê?
- 2) O que é violência na escola? Pode me dar exemplos de situações de violência que já presenciou na sua escola?
- 3) Já sofreu algum tipo de violência por colegas ou professores? Qual?
- 4) Você já cometeu algum ato de violência contra colegas e/ou professores? Por quê?
- 5) Em sua opinião, o que gera violência na sua escola?
- 6) Quais medidas são tomadas em uma situação de violência na sua escola?
- 7) Como a violência dentro do ambiente escolar poderia ser solucionada?
- 8) Você se considera um aluno violento? Por quê?



ANEXO 02

Universidade de Brasília - FUP

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

Sexo: Masculino () Feminino ()

Idade: _____

Tempo de trabalho: _____ Formação: _____

- 1) Você considera a escola que trabalha violenta? Por quê?
- 2) O que é violência na escola? Pode me dar exemplos de situações de violência que já presenciou na sua escola?
 - 3) Já sofreu algum tipo de violência por alunos ou colegas de profissão? Qual?
 - 4) Em sua opinião quais os aspectos geradores de violência?
 - 5) Quais as medidas tomadas em uma situação de violência?
 - 6) A que você atribui essa violência no ambiente escolar, sendo este um espaço de formação de cidadãos?
Como a violência dentro do ambiente escolar poderia ser solucionada?

ANEXO 03 - TCLE- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS

Eu, Daniella Fernandes Linhares, estudante de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina – FUP, estou realizando uma pesquisa, sob a orientação da Professora Doutora Juliana Eugênia Caixeta, que tem por objetivo identificar a ocorrência de situações de violência na escola e a percepção das causas de violência escolar, se houver, na visão de alunos e professores. O interesse por esse estudo surgiu devido ao grande aumento da violência dentro do ambiente escolar.

Como o público de interesse nessa pesquisa envolve menores de idade, solicitamos sua autorização para a participação do (a) aluno(a) que está sob sua responsabilidade.

Para a coleta de dados, realizaremos entrevista semi-estruturada com alunos, professores e equipe gestora. Cada entrevista terá duração variável, dependendo da motivação e disponibilidade do (a) aluno (a) para falar sobre sua visão sobre a violência na escola e se este fenômeno influencia no processo de ensino e aprendizagem. Para registro dos dados, utilizaremos gravação digital, bloco de anotações lápis e caneta, caso o (a) aluno (a) e seus responsáveis permitam registrar sua voz. O uso desses instrumentos é essencial, pois a comunicação é um processo muito dinâmico e variável.

Além da entrevista, serão realizadas observações nos intervalos para verificar se ocorrem violência na escola e quais são os tipos.

O uso posterior desses dados será restrito ao estudo e divulgação científica e/ou formação de professores.

O nome do (a) aluno (a) não será divulgado em hipótese alguma. Garantimos o sigilo das informações, já que tudo o que o (a) aluno (a) disser será tratado de forma agrupada ao que outros alunos entrevistados disserem. A participação do (a) aluno (a) deve ser voluntária e ele (a) pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

Se tiver dúvidas sobre a pesquisa, contate-nos:

Daniella Fernandes Linhares
Aluna de Graduação do curso de Ciências Naturais
Email: daniellafernandes2@hotmail.com



Juliana Eugênia Caixeta
Professora Doutora da Faculdade UnB Planaltina – Orientadora
Email: eugenia45@hotmail.com

CONSENTIMENTO DO/A RESPONSÁVEL

Eu, _____,
DECLARO que fui esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pelas pesquisadoras e que estou esclarecido(a) que a participação do/a aluno/a que está sob minha responsabilidade é voluntária e sigilosa e que a qualquer momento, ele/a poderá interromper sua participação na pesquisa.

Assim, CONSINTO a participação do/a aluno/a _____ nesta pesquisa, a realização das gravações (se necessárias) das entrevistas para fins de estudo, CONSINTO a realização das observações em sala e CONSINTO a publicação dos resultados dessa experiência de pesquisa em revistas científicas, anais de congressos, livros e em curso de formação de professores.

Brasília, _____ de _____ de 2013.

ANEXO 04 - TCLE- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES

Eu, Daniella Fernandes Linhares, estudante de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina – FUP, estou realizando uma pesquisa, sob a orientação da Professora Doutora Juliana Eugênia Caixeta, que tem por objetivo identificar a ocorrência de situações de violência na escola e a percepção das causas de violência escolar, se houver, na visão de alunos e professores. O interesse por esse estudo surgiu devido ao grande aumento da violência dentro do ambiente escolar.

Para a coleta de dados, realizaremos entrevista semi-estruturada com alunos, professores, e equipe gestora. Cada entrevista terá duração variável, dependendo da motivação e disponibilidade do(a) professor(a) para falar sobre sua visão sobre a violência na escola e se este fenômeno influencia no processo de ensino e aprendizagem. Para registro dos dados, utilizaremos gravação digital, bloco de anotações lápis e caneta, caso o(a) senhor(a) permita registrar sua voz. O uso desses instrumentos é essencial, pois a comunicação é um processo muito dinâmico e variável.

O uso posterior desses dados será restrito ao estudo e divulgação científica e/ou formação de professores.

O nome do (a) professor(a) não será divulgado em hipótese alguma. Garantimos o sigilo das informações, já que tudo o que o(a) professor(a) disser será tratado de forma agrupada ao que outros professores entrevistados disserem. A sua participação deve ser voluntária e você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

Se tiver dúvidas sobre a pesquisa, contate-nos:

Daniella Fernandes Linhares
Aluna de Graduação do curso de Ciências Naturais
Email: daniellafernandes2@hotmail.com



Juliana Eugênia Caixeta
Professora Doutora da Faculdade UnB Planaltina – Orientadora
Email: eugenia45@hotmail.com

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, _____,
DECLARO que fui esclarecido(a) quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pelas pesquisadoras e que estou esclarecido(a) que a minha participação é voluntária e sigilosa e que a qualquer momento que eu quiser, eu poderei interromper minha participação na pesquisa.

Assim, CONSINTO a minha participação neste projeto de pesquisa, a realização das gravações (se necessárias) das entrevistas para fins de estudo, CONSINTO a realização das observações em sala e CONSINTO a publicação dos resultados dessa experiência de pesquisa em revistas científicas, anais de congressos, livros e em curso de formação de professores.